



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Putin escala ataques

A duas semanas de a invasão à Ucrânia completar um ano, a Rússia realiza um intenso bombardeio à ex-república soviética, mirando, principalmente, instalações elétricas. Moldávia confirma que, durante a ofensiva, um míssil sobrevoou o país

No dia seguinte à visita do presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, a instituições da União Europeia (UE), a Rússia fez, ontem, um "ataque em larga escala" à ex-república soviética, tendo como principais alvos instalações de energia. O líder ucraniano insistiu que "vários mísseis" sobrevoaram a Romênia e a Moldávia e que o ataque representava "um desafio à Otan". Bucareste negou a informação, mas a Moldávia confirmou que um artefato passou por seu território e convocou o embaixador russo para denunciar uma "violação inaceitável" de seu espaço aéreo.

O novo ataque acontece ao fim de uma semana de intenso trabalho diplomático por parte de Zelensky, em busca de mais apoio contra Moscou, às vésperas de a guerra completar um ano. O presidente ucraniano foi a Londres e Paris, na quarta-feira, e a Bruxelas, no dia seguinte, para pedir aos aliados europeus mísseis de longo alcance e caças.

As autoridades ucranianas vêm declarando há vários dias o temor de uma investida de grandes proporções das tropas russas, que aqueceram a pressão na frente de batalha, no leste do país. Denis Pushilin, um dos chefes dos separatistas pró-Moscou, afirmou que as tropas de Vladimir Putin avançaram em direção à zona norte de Bakhmut (leste), uma cidade que a Rússia tenta conquistar há meses. Também ganharam força na zona sul de Vuhledar, outro



Moradores de Kiev se refugiam em estação do metrô durante a ofensiva aérea russa: não houve vítimas na capital

ponto de concentração dos combates na frente leste.

Explosões

A Força Aérea ucraniana informou

ter interceptado, ontem, 61 mísseis dos 71 disparados pela Rússia contra seu território. Na capital, Kiev foram ouvidas várias explosões. As sirenes antiaéreas foram acionadas e os

moradores procuraram refúgio nas estações de metrô. Segundo o prefeito de Kiev, Vitali Klitschko, os bombardeios não causaram vítimas, mas danificaram a rede elétrica.

Desde outubro e após várias derrotas no campo de batalha, Moscou tem mirado com frequência as infraestruturas energéticas ucranianas, deixando milhões de pessoas sem luz

ou calefação em pleno inverno no hemisfério norte. De acordo com o Ministério da Energia, várias centrais em seis províncias da Ucrânia foram atingidas pelos bombardeios.

A situação é especialmente "difícil" em Zaporizhzhia (sul), Kharkiv (nordeste) e Khmelnytsky (oeste). Apagões preventivos de emergência foram adotados em vários setores para evitar uma sobrecarga da rede elétrica, o que pode provocar ainda mais danos, segundo o ministério.

"Basta de palavras e hesitações políticas", tuitou Mykhailo Podoliyak, conselheiro da Presidência ucraniana, que pediu aos aliados do país "decisões rápidas" sobre o fornecimento de armas potentes. Os últimos grandes ataques russos haviam acontecido no fim de janeiro, após a decisão das potências ocidentais de enviar tanques pesados ao Exército ucraniano.

Em Moscou, atento à movimentação de apoio ao país invadido, o Kremlin anunciou que o presidente Vladimir Putin fará seu discurso sobre o Estado da Nação em 21 de fevereiro — três dias antes do primeiro aniversário da ofensiva na Ucrânia, que será um dos temas centrais. Tradicionalmente, o pronunciamento apresenta um balanço do ano anterior e estabelece os planos estratégicos para os próximos meses. Em 2022, o discurso foi cancelado devido à ofensiva russa na Ucrânia.

TERREMOTO

ONU pede trégua na Síria

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos defendeu, ontem, um "cessar-fogo imediato" na Síria para facilitar a assistência às vítimas do terremoto que devastou parte do país e da Turquia no início da semana. Pelos cálculos da ONU, até 5,3 milhões de pessoas podem ficar desabrigadas no país, já fortemente debilitado por quase 12 anos de guerra civil, em consequência da catástrofe.

O conflito na Síria, iniciado em março de 2011, complica o acesso à ajuda humanitária,

principalmente nas regiões controladas pelos rebeldes no noroeste do país. No momento, a maior parte da ajuda destinada a essa área provém da Turquia e deve passar por Bab al Hawa, único ponto de passagem autorizado entre a Síria e a Turquia. Os danos causados pelo terremoto nas estradas turcas prejudicam o abastecimento.

A ONU pediu repetidamente a Damasco que abra outros pontos de passagem para acelerar os esforços de resgate e apoio aos milhões de afetados. Ontem,

no quinto dia após a catástrofe, o presidente sírio, Bashar al-Assad, visitou a cidade de Aleppo, fortemente atingida pelo tremor de magnitude 7,8.

Sobreviventes do terremoto na Síria recorreram a acampamentos criados para os deslocados pela guerra civil. Muitos perderam suas casas ou têm medo de retornar às construções abaladas pelo tremor. O terremoto tirou a vida de mais de 23 mil pessoas, das quais 3,5 mil em território sírio, segundo balanço divulgado na noite de ontem.

Na Turquia, o empreiteiro responsável pela construção de um prédio de 12 andares que caiu na cidade de Hatay devido ao sismo foi detido quando tentava sair do país. A prisão foi noticiada pela agência estatal Anadolu. Cerca de 800 pessoas estariam sob os escombros do edifício, com 250 apartamentos. Em Kirikhan, socorristas alemãs resgataram uma mulher que passou mais de 100 horas sob os escombros de uma casa. "A equipe trabalhou mais de 50 horas para abrir caminho", tuitou a ONG I.S.A.R.



Bashar al-Assad (C) conversa com resgatistas em Aleppo

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Frente ampla contra a direita global

A variante de extrema-direita associada aos nomes de Donald Trump e Jair Bolsonaro foi escolhida deliberadamente como uma espécie de veículo para que os respectivos sucessores dessem, ontem, a largada para a relação pessoal e oficial como presidentes dos EUA e do Brasil. O elenco de assuntos tratados na visita de Lula a Joe Biden incluiu, entre outros, a agenda ambiental e as relações bilaterais, sem falar na guerra na Ucrânia. Mas o tema da democracia sob assédio serviu como terreno comum conveniente para o primeiro encontro.

Se o conflito na Europa ficou fora do comunicado conjunto, em função das notórias diferenças de

visão, a Amazônia fez o contraponto como elemento de reencontro, expresso em duas mãos. Da parte brasileira, o compromisso com a preservação, em contraste com o governo anterior. Do lado americano, com o anúncio de aporte para o fundo internacional reativado desde a troca de comando no Planalto — os EUA se juntarão à Alemanha, que antecipou em 1º de janeiro a liberação inicial de 35 milhões de euros.

Olhos nos olhos

As cenas da chegada à Casa Branca e do início da reunião no Salão Oval reeditam o peso da diplomacia presidencial na política

externa, com Lula à frente do Planalto. Biden foi esperá-lo na entrada da sede do governo. Na parte do encontro aberta à mídia, os dois trocaram amabilidades e buscaram mostrar afinidades. O tom relaxado fez lembrar a relação pessoal fluida que o presidente brasileiro estabeleceu durante o primeiro período de governo com George W. Bush, a despeito dos desencontros políticos evidentes.

Guerra e paz

A duas semanas de completar um ano, a guerra na Ucrânia é o ponto da discórdia entre Lula e Biden. A situação é análoga à da posse do presidente brasileiro para o primeiro mandato, em 2003, quando fez coro com a grita internacional contra a invasão do Iraque pelos EUA. Desta vez, quem invadiu foi a Rússia, enquanto Washington tomou a parte do país agredido. Em ambos os casos, porém, Planalto e Itamaraty firmaram posição de

neutralidade, rejeitaram pedidos de apoio a qualquer dos lados, ainda que apenas no fornecimento de material, e se ofereceram para ajudar apenas em algum tipo de processo de paz.

A construção da posição brasileira tem, hoje como há 20 anos, a marca indelével do atual assessor especial da Presidência, Celso Amorim, chanceler nos oito anos do primeiro governo de Lula. Nas entrevistas que deu desde 1º de janeiro, o titular mais longo das Relações Exteriores desde o barão do Rio Branco atualizou as linhas mestras de política externa traçadas em 2003-2010 para a inserção global do país. Em resumo, apresentar-se ao debate e incidir para a construção de saídas para conflitos com potencial para turvar a situação internacional.

Clima mudado

A ação para mitigar as mudanças climáticas, um dos consensos

reafirmados entre Lula e Biden, voltará à mesa em breve — com outro cenário, outro parceiro e variações na abordagem. Antes de embarcar para Washington, Lula recebeu a chanceler da França, Catherine Colonna, que veio preparar a visita a Brasília do presidente Emmanuel Macron, a convite do colega. Assim como Joe Biden, Macron esteve entre os primeiros governantes a saudar a vitória eleitoral do brasileiro, em outubro, e a condenar a intentona golpista de 8 de janeiro.

Pela perspectiva de Paris, o esforço comum na agenda ambiental tem incidência direta no andamento dos trâmites para colocar em vigor o acordo comercial firmado em 2019 entre União Europeia e Mercosul. O governo brasileiro investe na possibilidade de destruir o processo ainda este ano, mas terá pela frente as exigências da contraparte em torno de práticas sustentáveis na produção dos artigos de exportação do bloco sul-americano — sobretudo, os do agronegócio.

Rumo ao Oriente

Antes mesmo de fazer as vezes de anfitrião pela segunda vez para um parceiro europeu — depois de ter rebebeado o chanceler da Alemanha, Olaf Scholz —, Lula tem na agenda uma viagem à China, em março. Lá, a grande atração pode ser a presença na comitiva da ex-presidente Dilma Rousseff, possivelmente já como nova titular do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD).

Criada pelo Brics durante o governo Dilma, a instituição está a cargo de um brasileiro até 2025, mas o novo presidente negociou com os parceiros a troca do titular. O diplomata Marcos Troyjo, indicado por Bolsonaro, está de volta ao Brasil e deve se incorporar à equipe do novo governador de São Paulo, Tarcsio de Freitas. Quase sete anos depois de deixar o Planalto, a ex-presidente faz as malas para se instalar em Xangai.